

# O Lanceiro Negro Sobrevivente

A saga de um  
príncipe africano  
escravizado  
no sul  
do Brasil



Eloá Alves

PoD  
editora



## **Maria Eloá Alves**

Eloá Alves é graduada em Pedagogia Plena pela Universidade Católica de Pelotas, pós graduada em Orientação Educacional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-Uniasselvi, pós graduanda em Arteterapia Junguiana pela Faculdade Dom Alberto, pós graduanda em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-Uniasselvi, educanda em Psicanálise pela Faculdade Dom Alberto, artista plástico e artesã pelo FGTAS, pesquisadora autodidata em História da Cultura Africana, palestrante e Oficial de Justiça aposentada.



# **O Lanceiro Negro Sobrevivente**

A saga de um príncipe africano  
escravizado no sul do Brasil



Eloá Alves

# O Lanceiro Negro Sobrevivente

A saga de um príncipe africano  
escravizado no sul do Brasil



Rio de Janeiro  
2020



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contidos, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

O lanceiro negro sobrevivente  
Copyright © 2020, Eloá Alves

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Diagramação:  
**Pod Editora**

Impressão e Acabamento:  
**PoD Editora**

Revisão:  
**PoD Editora**

Arte de Capa:  
**Pod Editora**

Fotos de Capa:  
**Acervo autora**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

A48L

Alves, Maria Eloá dos Santos  
O lanceiro negro sobrevivente / Maria Eloá dos Santos Alves - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2020.  
58p. il.; 21cm

ISBN 978-65-86147-11-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

20-64059

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

27/04/2020

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

# Agradecimentos

A Deus, por minha mãe espiritual, Nossa Senhora Aparecida, que iluminou meu coração e minha mente com amor e verdade; minha mãe biológica centro de minhas referências de vida; meu pai por sua crença no poder do conhecimento, da força interior e da fé; meu marido minha amada metade; meus filhos a Luz, meus AMIGOS; todas as pessoas que passaram por minha vida, até então, e deixaram suas marcas para o meu desenvolvimento; a Ancestralidade na orientação da procura,

Gratidão.



# Introdução

Precisei voltar no tempo e buscar detalhes para compor a introdução deste livro.

Lembro-me pequenina, por volta dos seis aninhos, agarrada as vestes de minha mãe que trabalhava lavando roupas para outras pessoas. Na sua singeleza ela passava as roupas com ferro em brasa, arrumava as roupas muito bem passadas e acomodadas em uma trouxa e íamos levar na casa da “freguesa”. No trajeto, eu olhava em volta e tudo me parecia fora do lugar, só me sentia segura ao lado dela. Sentia um olhar de desdém das pessoas ao passarem por mim e por minha mãe com a trouxa na mão. Ela era tão doce... e eu..., bem, continuava destoando do lugar.

Fui crescendo e aquela sensação só fazia aumentar em todo lugar que andava. A mim, parecia que as crianças com quem brincava, quando queriam brincar, me olhavam diferente, pareciam acanhadas ao se aproximar de mim.

Na escola, com um pouquinho mais de maturidade, as diferenças se acentuavam, assim como os olhares e a solidão. Tinha certeza que era diferente, me sentia assim.

Certo dia, pensando no que sentia a pergunta veio em minha mente: Por que nasci nesse lugar com tantas pessoas diferentes de

mim? Com hábitos e atitudes diferentes? Eu queria saber como vim parar aqui, no pampa gaúcho?

E foi debruçada sobre os livros, estudando e pesquisando, que encontrei as respostas: “o sentimento de ser diferente era o longo olhar do preconceito destruidor da autoestima e bloqueador de oportunidades; eram as diferenças sendo vistas como algo confrontador das posições sociais.

E foi para estabelecer a tríade da conexão entre mim, o Rio Grande do Sul e a população negra sulina é que fui imbuída do espírito investigativo e filosófico da história. E do imaginário proporcionado pelo conhecimento nasceu esse romance épico com nuances de fatos reais: “O Lanceiro Negro Sobrevivente que conta a saga de Zaki, um nobre africano transformado em escravo, que encontrou seu grande amor no cativo, onde buscou forças para manter-se vivo, casar e constituir uma verdadeira família negra gaúcha”.

Na construção desse livro também encontrei uma forma de homenagear aqueles ancestrais que lutaram bravamente em nome da Liberdade, ainda que forças hegemônicas de sua época tivessem tentado arrancar suas virtudes que eram inatas. Esses “Bravos Homens Negros” perpassaram o verdadeiro sentido dos valores de uma etnia fortalecida na luta, na fé e na coragem. Aos LANCEIROS NEGROS reais, meu reconhecimento e minha gratidão.

*Maria Eloá dos Santos Alves*

**E**m meados de 1825, numa noite quente, na cidade de Luanda em Angola, no Palácio do Rei Africano Ngobe Lunga, muitas pessoas encontravam-se reunidas para um jantar de negócios. Este foi oferecido pelo rei aos empresários luso-brasileiros com os quais costumava negociar produtos como ouro, pedras preciosas, diamantes e alimentos.

Os tempos estavam difíceis no reino, já não haviam produtos para consumo, pois o sistema político escravagista, implantado pelas potências europeias, dentro e fora do continente africano, tornou a situação de plantio e colheita insustentável, levando pânico e medo ao povo negro, que temia ser capturado a qualquer momento.

Os europeus encontraram ali uma maneira fácil e propícia de se apropriarem das riquezas naturais do continente africano e de obterem mão de obra qualificada gratuita. Isso porque grande parte das tribos profissionalizava seus povos em várias atividades, perpassando seus conhecimentos de forma oral de geração em geração. Eram povos, em sua maioria, acolhedores.

O reino de Ngobe Lunga era muito rico e populoso, motivo pelo qual era procurado pelos mercadores a todo o momento. A comitiva luso-brasileira não tardou em lhe oferecer o que chamavam de iguaria sulina, o charque, segundo eles, produto próprio para as camadas ditas inferiores da sociedade, pobres e escravos, pois era de baixo custo e durabilidade infinita.



Ngobe Lunga desejava que a rainha Nizba e seu filho, o príncipe Zaki, provassem a iguaria e opinassem, antes de fechar o negócio.

Seu filho, o príncipe Zaki, era homem de poucas palavras, muito observador, letrado, habilidoso. Apropriou-se do conhecimento de todos os ofícios que o reino proporcionava aos súditos, o rei incentivava-o a apreender, exercitando a filosofia Ubuntu. Ao tempo, o rei enviou-o ao exterior para estudar, se formar e servir seu povo com sua aprendizagem.

A rainha Nizba Lunga era mulher de opiniões sensatas, atuante no reino, muito querida e respeitada por seus súditos e pelo rei, que sempre buscava suas opiniões.

Logo após o jantar, o rei desculpando-se com os convidados foi ouvir seu filho e sua esposa:

— Então o que lhes pareceu esta iguaria para alimentar nosso povo, meu filho?

— Muito bom, meu pai! Mas não tenho ideia de como o processo é realizado para garantir essa durabilidade!?! — questiona o príncipe.

— Parece ser feito de forma rudimentar, por mão humana, amplamente usada no Sul do Brasil, segundo eles. — observou o rei.

— Creio que nosso povo ficará bem alimentado. Devemos fechar o negócio. — afirma a rainha.

— Acredito que será uma boa aquisição, mas... — insinua Zaki.

— O que há meu filho?

— Meu pai, essas pessoas não me inspiram confiança. Não me pergunte por quê?

— Não se preocupe meu filho! Isso é desconfiança infundada. Vá, vá, sei que não gosta de participar das negociações.

— Ouça seu pai, — diz a rainha. Vá descansar no jardim, veja quantas flores floresceram, estou muito feliz. Cuido do jardim como de mim mesma. Vá meu filho, nós o amamos muito!

Beijando as mãos do rei e a face de sua mãe, Zaki declara amor a seus pais e retira-se. Ele sente uma aflição inexplicável, prefere ir ao jardim do palácio, estar consigo mesmo, admirar as flores que sua mãe plantara.

Em dado momento, foi surpreendido por caçadores de escravos que o amordaçaram, levando-o sem que alguém percebesse.

Os caçadores de escravos eram todos africanos, que assediados pelos europeus com armas, bebidas alcoólicas, moedas de ouro, capturavam seu próprio povo e os entregavam para a diáspora. Compartilhavam com os europeus do sentimento de ambição exacerbado, o que facilitou a apropriação da África e sua gente.

Assim começou a saga de Zaki, entregue aos capangas europeus a beira mar, juntamente com dezenas de homens, mulheres, crianças e adolescentes, que acorrentados logo seriam embarcados nos tumbeiros para aporte na América.

Momentos antes do embarque, Zaki se despi de seu anel de príncipe, deixando-o cair intencionalmente, na areia da praia, na certeza de que os guerreiros do reino o acharão e, assim, saberão seu destino.

Enquanto isso no castelo, o rei e a rainha deram por falta do seu filho e entraram em completo desespero:

— Zaki, Zaki, onde está você, meu filho! — grita e chora a rainha sem resposta.

Na praia, todos os aprisionados foram embarcados para uma longa travessia até a América.

Dias depois, os guerreiros do rei Ngobe Lunga encontram o anel do príncipe quase enterrado na areia, obtiveram então a certeza de que o destino de seu filho foi a América.

Ao chegar na América todos os escravos foram expostos para venda no Forte de Sacramento, no Uruguai, para abastecerem a mão de obra do sul do Brasil e entorno.

Muitos morreram na travessia, por fome, rebeldia e inanição. Dos que sobraram, todos foram vendidos.

Depois de ter sua boca arreganhada e examinada, seus músculos apertados, suas pernas e braços medidos a palmo, o Príncipe Zaki foi vendido. Forte, musculoso, alongado, foi rapidamente vendido para um rico fazendeiro, charqueador das bandas de Pelotas chamado Coronel Pedro do Ó que lhe registrou no livro de compras de escravos sob o número 888, dando-lhe o nome de Salvador do Ó. O número de escravos já demonstrava a Salvador o tamanho da Charqueada do Ó.

Ao chegar às terras do sul, sob grande sofrimento, machucado pelo peso das correntes, sujo, esfarrapado e com fome, com o coração dilacerado por ter assistido muitos do seu povo se jogarem ao mar desalentados, outros sucumbindo ao açoite, não deixou de perceber com seu olhar nobre, a grande extensão verde do pampa gaúcho, que lhe remetia a exuberância das paisagens africanas, com água em abundância, porque o Arroio Pelotas passava bem ali na Charqueada. Momento raro de plenitude e admiração, em meio ao caos da escravidão.

Mas toda aquela beleza contrastava com a figura de uma mulher negra, amarrada ao tronco, recebendo chibatadas, totalmente entregue àquela violência, e a seus pés um jovem adolescente que chorava copiosamente.

Aquela dor ao assistir tamanha violência, parecia lhe consumir por inteiro, neste momento, teve a certeza de que não morreria naquele lugar, que tudo faria para se libertar daquelas amarras.

Logo, ao ser empurrado para a senzala, Salvador encontra com o escravo Zeferino que criva-lhe de pergunta:

— Olá, você fala português? Qual seu nome? O meu é Taú, que quer dizer brabo como um leão, mas aqui me chamo Zeferino do Ó. Sou natural de Benguela, em Angola.

— Olá irmão, falo sim, mas não quero que alguém saiba que falo português. Me chamo Zaki, quer dizer esperto, inteligente, também sou de Angola, mas moro... quero dizer, morava em Luanda. Aqui me deram o nome de Salvador do Ó, mas nunca vou ser esse Salvador!

— Melhor obedecer, Salvador! Também não quero que saibam que falo português, já estou aqui há muito tempo, mas nunca descobriram. Sabes que corremos o risco de sermos mortos, porque escravo não pode saber ler nem escrever. Por que será, não é?! Como está nosso povo, Salvador?

— Um horror, irmão! O povo não consegue trabalhar, fugindo para não ser capturado, não tem quem plante, quem cace, não há comida. Alguns chefes de tribo cada vez mais ricos e poderosos, vendendo e trocando nossa gente por armas e cachaça. Um caos!

— Que tristeza, Salvador! Não entendo o porquê dessa maldade toda... Somos um povo que sabe de tudo um pouco, cultura rica, um povo trabalhador, milenar. Fui pego quando estava forjando pontas de lança para minha tribo.

— Você é ferreiro?! E eu fui pego de surpresa quando estava admirando a plantação de flores de minha mãe, Zeferino. Quan-

do dei por mim, já estava amarrado e amordaçado. Eram muitos, violentos e armados, não tive chance de me defender.

— Aqui na Charqueada nos proibiram de falar nossos dialetos, querem que nos esqueçamos de nossa origem, que apaguemos nossa história, que pensem que somos uma folha em branco, querem suprimir nossas vivências. Nem as nove voltas no Baobá fizeram eu esquecer a cultura do nosso povo. — Salvador esboça um sorriso. Eles não sabem que nossa ancestralidade está em nós. Um dia vou achar um jeito de sair daqui e voltar pra casa.

— Isso é um sonho homem, ninguém consegue sair daqui! Olhe a sua volta a quantidade de feitores armados!

— Creio na minha ancestralidade Zeferino, você vai ver. — afirma Salvador.

— Quem é a mulher sendo castigada no tronco? — pergunta Salvador. Vi quando cheguei.

— Ela se chama Maria da Fé, trouxeram de Uganda com o filho. Ela é cozinheira na casa grande, e o filho dela é José.

— Por que ela estava sendo castigada? — pergunta Salvador.

— Pergunte a ela quando descer. — responde Zeferino

— Ela fala português?

— Sim, aprendeu quando os europeus não saíam de suas terras trocando especiarias, em Uganda. — responde-lhe Zeferino.

Zeferino e Salvador ficam amigos, falam dialetos diferentes, porque suas tribos eram distintas, mas em comum aprenderam outros idiomas, por conta do intenso comércio europeu dentro da África. Comércio que acabou possibilitando aos europeus conhecerem as fragilidades e vulnerabilidades do povo africano para defenderem suas riquezas. Este fato acabou por alavancar o siste-

ma escravagista e a diáspora, principalmente para o Brasil.

Ainda na senzala...

— Olhe, Olhe! Estão trazendo Maria da Fé. Veja como está ferida, suas costas estão em carne viva! — comenta Zeferino.

— Vamos ajudá-la! — exclama Salvador, caminhando em direção a ela.

— Tire as mãos de minha mãe! — grita José para Salvador.

— Só quero ajudá-la. Acredite, eu posso!

— Você não pode, é só um negro que acha que pode. — retruca José, revoltado e chorando.

— Achar que me ofende não vai curar os ferimentos de sua mãe.

— Zeferino, traga algumas folhas para unguento e água. Cuidado, não deixe que o feitor o veja!

— José, enrole aqueles trapos e coloque sob o rosto de sua mãe, ela precisa ficar de bruços. Ela vai ficar bem!

Dias se passaram, Salvador cuidando escondido das feridas nas costas de Maria da Fé. Os ferimentos melhoravam aos poucos. Cicatrizes antigas demonstravam que aquela mulher era castigada seguidamente e há bastante tempo.

— Soube que seu nome é Maria da Fé, de Uganda, e que esse menino, José, é seu filho?! — afirma Salvador.

— Sim. Meu nome é Kianga, quer dizer luz do sol, aqui é Maria da Fé do Ó. Obrigada por me ajudar, que Oxalá lhe cubra de axé!

— José é meu filho, tem 15 anos, se chama Ngozi, quer dizer

uma benção. Menino muito inteligente, é tudo que tenho.

— Por que tanto castigo? — pergunta-lhe Salvador.

— Porque uso a comida da fazenda para alimentar nossos irmãos fujões. Coloco a comida no alguidar, geralmente carne de charque e farofa, e deixo na encruzilhada para quando algum passar com fome possa comer, e minto para o feitor que é oferenda para Orixás porque só assim não pegam de volta, eles têm medo das nossas entidades de fé, e como eles desconhecem aproveitamos para assustá-los. — sorri por conta da mentira. E toda vez que me pegam, me castigam, mas preciso fazer alguma coisa por nossos irmãos. Os que têm sorte, comem e se fortalecem para chegar ao Quilombo mais próximo, alguns morrem no caminho, outros são recapturados e castigados, geralmente, cortam-lhe o pé para que todos saibam que é um fujão.

— Que horror! É nobre sua atitude, mas vai acabar não aguentando os castigos. — argumenta Salvador.

— Um dia, acabo com o capitão do mato, com feitor e o Coronel Pedro do Ó, e fujo daqui com minha mãe! — ameaça José imbuído de ódio.

— Não faça isso! Um dia todos vamos sair daqui, eu acredito nisso. Mas, de agora em diante vou cuidar de você e sua mãe. E você Maria da Fé, tem que ter mais cuidado com sua obra de caridade! — sorri Salvador.

Mãe e filho simpatizam com Salvador. Parecia nascer ali uma forte amizade.

Alguns meses de trabalhos intensos e forçados se passaram na Charqueada, mas sempre que podiam Salvador e Maria da Fé conversavam sobre os mais variados assuntos. Foi ali nascendo uma grande e gostosa amizade. Contaram algumas de suas

vivências um para o outro e seus fazeres até serem capturados e escravizados. Na verdade Salvador já estava sentindo-se muito apaixonado por Maria da Fé, pergunta-lhe:

— Você foi separada de seu par, Maria da Fé?

— Não, Salvador. Quando fui capturada já era viúva. Mata-ram meu marido tentando capturá-lo em Uganda. Fiquei grávida de José. Recém tinha dado a luz quando fui capturada, tive sorte de me deixarem ficar e criar o meu filho. E você?

— Eu, o quê? — ironiza Salvador.

— Deixou alguém em Angola?

— Não, trouxe meu coração cheio de amor para dar, sabia que encontraria você!

— Ah Salvador! Pare de brincadeira homem! Não se brinca com amor!

Ambos sentiam imensa paixão, mas faltava-lhes coragem naquele momento para tomarem uma atitude mais efetiva.

Na Charqueada, a produção aumentava dia a dia. A procura pela carne salgada crescia muito dentro e fora do país. Estimava-se que a Charqueada do Ó abatia cerca de cinco mil cabeças de gado por mês, fazendo com que os escravos precisassem trabalhar mais de doze horas por dia. Muitos escravos sucumbiam, mesmo em jovem idade, devido à exaustão.

Também havia a olaria, junto à Charqueada, fabricavam telhas de barro que eram usadas nos telhados dos grandes casarões que estavam sendo construídos nos centros das cidades de Pelotas, Rio Grande, Piratini e outros municípios. Esse era outro trabalho que exigia muito da mão de obra escrava, pois por não haver formas para moldar as telhas, eram os escravos que moldavam as telhas de barro em suas próprias coxas causando-lhes, muitas das

vezes, chagas que geralmente eram tratadas por Salvador.

À medida que aumentava a demanda de charque ou telhas, as exigências para com os escravos se multiplicavam.

— Salvador, o feitor está exigindo maior produção, ainda mais agora que vão mandar grande quantidade de carne para um reino em Angola. Parece que é para o tal rei Ngobe, você conhece?

Zeferino não sabia estar falando do pai de Salvador, que preferiu não responder fazendo-se de desentendido.

— Zeferino, com o que estamos produzindo por dia, daremos conta... eu acho! Estou preocupado com o Arroio, a água que bebemos e onde nos banhamos já está saturado de tanto lavarmos os animais ali. Na verdade, parece que o Arroio chora lágrimas de sangue por nossas vidas miseráveis...é um arroio vermelho. — constata Salvador.

— Salvador, quando você puder, dê uma olhadela no Joaquim, ele não está bem das pernas, por conta de moldar as telhas. Vá vê-lo, meu filho, por favor.

— Sim, quando cair o sol e voltar para senzala eu o vejo.

Na Charqueada, era costume chamar Salvador toda a vez que algum escravo estivesse doente ou com problemas, confiavam em sua presteza e empatia.

Naquela tarde, como de costume, quando chegava gado ao remate, o feitor ordenou que Salvador conduzisse o rebanho da Tablada, local onde eram arrematados os animais vendidos em leilão, para a Charqueada. Salvador rapidamente subiu no cavalo, em pelo, para cumprir a ordem e quando passava a galope pela casa grande, ouviu os gritos de Maria da Fé chamando-lhe:

— Salvador, socorro! Socorro! José fugiu, meu menino fugiu!







A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)

[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

**2020**